

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho
Jonathan Roozeman



20 + 21 abr 23



20 abr 23 QUINTA 20:00

21 abr 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Jonathan Roozeman Violoncelo*

Henri Dutilleux

Tout un monde lointain...

c. 30 min.

1. *Énigme: Très libre et flexible*
2. *Regard: Extrêmement calme*
3. *Houles: Large et ample*
4. *Miroirs: Lent et extatique*
5. *Hymne: Allegro*

INTERVALO

Hector Berlioz

Symphonie fantastique, op. 14

c. 55 min.

1. *Rêveries – Passions*
2. *Un bal*
3. *Scène aux champs*
4. *Marche au supplice*
5. *Songe d'une nuit de sabbat*

* Por motivo de força maior,
o violoncelista Nicolas Altstaedt
é substituído por Jonathan Roozeman.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Henri Dutilleux

(Angers, 1916 – Paris, 2013)

Tout un monde lointain...

—

COMPOSIÇÃO 1970

DURAÇÃO c. 30 min.

Tout un monde lointain... resultou de uma encomenda realizada pelo maestro Igor Markevich, no início da década de 60, para a Orchestre Lamoureux. Escrita entre 1967 e 1970, a obra destinou-se ao violoncelista Mstislav Rostropovich, que a estreou no Festival Internacional de Arte Lírica de Aix-en-Provence a 25 de julho de 1970. Essa apresentação foi levada a cabo pela Orquestra de Paris, sob direção de Serge Baudo.

Tout un monde lointain... é uma obra concertante para violoncelo. Dividida em cinco andamentos, Dutilleux inspirou-se em *As flores do mal*, livro revolucionário de poemas de Charles Baudelaire. Os títulos dos andamentos são retirados dessa obra e tocados sem interrupção; as cinco partes requerem um grande domínio do violoncelo e empregam um colorido orquestral muito próprio. Dutilleux baseia-se numa sequência de doze sons e valoriza o timbre e a descontinuidade rítmica, colocando *Tout un monde lointain...* na esteira do serialismo, tendência dominante na Europa Ocidental da época. Contudo, o compositor atribui maior relevância a alguns sons da série, permitindo uma abordagem flexível, conciliando o pontilhismo

com uma abordagem mais lírica. Essa hierarquia é audível logo em *Énigme*, que destaca a apresentação do material principal pelo solista, acompanhado esparsamente pela orquestra, concentrada em massas sonoras. Neste andamento, o violoncelista interpreta variações sobre a série e apresenta os motivos que serão posteriormente transformados. Entre a angularidade e o melodismo *cantabile*, *Énigme* desenrola-se com a entrada progressiva de instrumentos, contrapondo conjuntos de câmara a momentos solistas. A atmosfera etérea e expressiva de *Regard* remete para um estatismo contemplativo, até retomar materiais de *Énigme* no final. Assim, liga-se a *Houles*, um episódio cinético em que se destaca o papel assertivo e virtuosístico do solista face às figurações rápidas dos instrumentos de sopro. A troca de material entre o violoncelo e a orquestra caracteriza *Miroirs*, um andamento cristalino de textura esparsa no qual se suspende a narrativa temporal. *Tout un monde lointain...* termina com *Hymne*, um clímax movimentado e enérgico em que Dutilleux recapitula e mistura os materiais de todos os andamentos, enfatizando *ostinati* de caráter percussivo.

Hector Berlioz

(La Côte-Saint-André, 1803 – Paris, 1869)

Symphonie fantastique, op. 14

COMPOSIÇÃO 1830

DURAÇÃO c. 55 min.

A *Sinfonia fantástica* é um marco no Romantismo. Aliando a narração de uma história às novas potencialidades abertas pelo desenvolvimento na construção e execução dos instrumentos, transformou a música orquestral da época. O recurso a uma grande orquestra, ampliada por novos timbres, contribuiu para um percurso sublinhado pelas combinações de instrumentos. Assim, tornou-se paradigmática da orquestração romântica. Escrita em 1830 e estreada no Conservatório de Paris a 5 de dezembro desse ano, é uma efabulação sobre a biografia do compositor, então fascinado pela atriz Harriet Smithson, cujas encarnações das heroínas de Shakespeare marcaram a Paris de então. Narra uma história de devaneio e paixão em que o sonho e a realidade se misturam com a morte e o oculto, elementos centrais no ideário romântico.

Estes “episódios de uma vida de artista,” como o compositor os designou, começam com “Sonhos – Paixões.” O nascer da paixão do artista é retratado, partindo de uma introdução lenta que prepara a tensão contrastante da forma sonata. Uma secção instável cede lugar a uma atmosfera sonhadora, ilustrada pelas melodias ondulantes. Neste andamento, surge o motivo que representa a relação entre o artista e a amada. Essa *idée fixe* será, recorrentemente, apresentada em

diversos passos da narrativa. O recurso a surdinas e a *pizzicati* nas cordas atestam a abordagem visionária de Berlioz.

“Um Baile” representa o artista numa festa, presença que será assombrada pela aparição da amada. O compositor oscila entre uma valsa em que pontifica a nobreza e elementos que contrastam pela tensão, aplicando a harpa de forma particular. Segue-se “Cena Campestre,” dominada pelo bucolismo. Solos de oboé e corne inglês dominam o episódio, centrado na melodia. Uma atmosfera de ameaça emerge, pontuada pelos tímpanos, interpolando as passagens líricas. A “Marcha para o Suplício” acompanha um sonho do artista, intoxicado pelo ópio após imaginar que o seu amor não era correspondido. Este sonha que mata a amada e é levado para o cadafalso numa marcha em que a orquestra sublinha, de forma enfática, a caminhada do Destino. A *Sinfonia fantástica* termina com “Sonho de uma Noite de Sabbat”, quando conjuradores e criaturas sobrenaturais se reúnem para o funeral do protagonista. A citação da melodia do *Dies irae* por instrumentos graves de sopro, como o inovador oficleide baixo, evoca a morte e enfatiza a solenidade da ocasião, que mistura a leveza da *idée fixe* da amada com uma atmosfera de ritual exagerado e grotesco.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Nuno Coelho

Na temporada 2022/23, Nuno Coelho é o novo Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias e cumpre o quinto ano como Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. Estreia-se à frente da Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, da Filarmónica de Tampere e da Sinfonieorchester St. Gallen e realiza uma digressão com a Jovem Orquestra Nacional de Espanha.

Na temporada passada estreou-se com a Filarmónica de Helsínquia, a Dresdner Philharmonie, a Staatsorchester Hannover, a Filarmónica do Luxemburgo, as Sinfónicas de Gävle e Malmö, a HET Residentie Orkest, a Filarmónica de Estrasburgo e a Orquestra Nacional de Lille. O seu repertório de ópera abarca produções de *Così fan tutte*, *La traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Rusalka*, *O diário de Anne Frank* e *Os sete pecados mortais*, entre outras.

Nuno Coelho venceu o Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués em 2017 e, desde então, dirigiu a Royal Liverpool Philharmonic, a BBC Philharmonic, a Sinfónica de Hamburgo, a Sinfónica de Castela e Leão, a Noord Nederlands Orkest e a Orchestra Teatro Regio Torino. Em 2018/19 beneficiou da Bolsa Dudamel, o que lhe permitiu colaborar com a Filarmónica de Los Angeles. Nessa mesma temporada, dirigiu a Sinfónica da Rádio da Baviera, ao substituir o maestro Bernard Haitink à última hora. Nuno Coelho nasceu no Porto. Estudou direção de orquestra na Universidade das Artes de Zurique com Johannes Schlaefli e ganhou o Prémio Neeme Järvi no Festival Menuhin de Gstaad. Em 2014 foi bolseiro da Fundação Gulbenkian e em 2015 foi admitido no *Dirigentenforum* do Conselho Alemão da Música. Nos dois anos seguintes foi bolseiro em Tanglewood e maestro assistente da Filarmónica dos Países Baixos.

Jonathan Roozeman

O jovem violoncelista Jonathan Roozeman é já uma certeza nos palcos internacionais. O seu elevado potencial artístico evidencia-se na sua musicalidade e no seu virtuosismo e numa sonoridade expansiva e versátil, seja na interpretação de obras chave do repertório clássico, seja em obras de compositores como Kabalevskiy, Kokkonen ou Vieuxtemps. Tem colaborado regularmente com maestros como Christoph Eschenbach, Esa-Pekka Salonen, Osmo Vänskä, Dima Slobodeniouk, Jukka-Pekka Saraste ou Santtu-Matias Rouvali.

Na temporada 2022/23, Roozeman colabora com o coreógrafo Saburo Teshigawara numa produção elaborada em torno de obras de Bach, Kodály e Cassado, no Aichi Prefectural Art Theater Concert Hall, em Nagoia. Atua também no ARK Classics Festival, em Tóquio. Além disso, colabora com várias orquestras e maestros, incluindo a Filarmónica de Tampere e Matthew Halls, e a Bilkent Symphony Orchestra e Julien Masmondet. Apresenta-se no seu recital de estreia no Concertgebouw de Amesterdão com a pianista Varvara.

Jonathan Roozeman foi o mais jovem músico premiado no Concurso Internacional Tchaikovsky, em 2015. No mesmo ano foi finalista no Concurso Internacional de Violoncelo de Naumburg. Em 2013 foi finalista no Prémio Suggia, no Porto, e alcançou as meias-finais do Concurso Internacional Paulo, na Finlândia. Em 2012 foi 2.º classificado no Concurso Nacional de Violoncelo dos Países Baixos. Estudou com Martti Rousi na Academia Sibelius, em Helsínquia, e diplomou-se em 2020 pela Academia Kronberg, na classe de Frans Helmerson.

Toca um violoncelo David Tecchler (ca. 1707), por empréstimo da Fundação Cultural Finlandesa. O seu arco foi construído por Jean Pierre Marie Persoit, em Paris, ca. 1850.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Maria José Laginha
David Ascensão
Flávia Marques
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Catarina Resende*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Camille Bughin
Juan Maggiorani
Miguel Simões
Félix Duarte
Asilkan Pargana
Francisca Fins

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
Leonor Braga Santos 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian
Albert Payà
João Dinis
Precília Diamantino
Mariana Moreira
Márcia Marques*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Hugo Paiva
Gonçalo Lélis
João Valpaços

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
João Lobo
Rafael Aguiar*
Diogo Pereira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Patrícia Duarte 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Miguel Diaz 2º SOLISTA*
Daniel Mota 2º SOLISTA*
Ana Maria Castro 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 1º SOLISTA*
João Môgo 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA
Elmano Pereira 2º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA
Marinus Komst 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Marco Fernandes 2º SOLISTA*
Miguel Herrera 2º SOLISTA*
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*

CELESTA

Karina Aksenova 1º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA*
Beatriz Cortesão 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

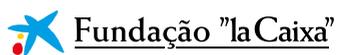
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Fábio Cachão
Pedro Canhoto
Inês Nunes
Raquel Serra

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Abril 2023

